

VOLUME 19
2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 3ª PARTE (ORIENTE MÉDIO)
04 a 06/12/1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

4 de Dezembro de 1876

Os cônsules aceitaram a distribuição da renda de 15 mil fr. que eu deposito como capital no Banco Otomano de Beirute para dar meios a crianças pobres de freqüentarem as escolas de Jerusalém onde sejam recebidas gratuitamente. É este o negócio que disse no meu diário de ontem que falaria no de hoje.

O tempo ainda está belíssimo, apesar de relampaguear no princípio da noite.

A pedra que apanhei na gruta, onde S. Pedro, dizem, fizera penitência depois que renegara Cristo lembra-me que aí estive no dia 1º. Fica na montanha de Ophil creio eu.

5 de dezembro de 1876 — Escrevi ontem até 1 da madrugada, depois estive um pouco incomodado do ventre. Às 6h 20' fomos ao Santo Sepulcro, assistimos até o fim a missa que se dizia sobre ele.

Julgo que me esqueceu dizer que à entrada de um corredor que conduz à parte inferior do rochedo do Calvário, onde os gregos cismáticos veneram o crânio de Adão acham-se ao lado direito o lugar onde descansara o túmulo de Godofredo de Bulhões e à esquerda o mesmo de Beaudoin 1º rei de Jerusalém.

Mostram-se a Igreja do St. Sepulcro a espada direta e que não pesa muito e as esporas de Godofredo, que outrora serviam a armar os cavaleiros do Santo Sepulcro.

Às 7 saímos a porta de Damasco e seguimos viagem até certa distância ao longo das muralhas de Jerusalém que deixou-me recordações indelévels. A manhã estava belíssima e fresca aragem fazia tremular a bandeira auri-verde da caravana. Os lugares notáveis foram primeiro a torrente do Terebintho em cujo vale virante para estes rochedos Davi matara Golias, não lhe faltando seixos de todos os tamanhos. À direita sobre uma colina até a aldeia de Kolanieh

Há ao sopé da colina uma bonita chácara, onde vi uma carruagem perto da vivenda.

A estrada tem algumas pedras, mas podíamos muito bem anda-la de carro.

Não muito adiante apareceu-me à esquerda sobre as montanhas S. João (ain-Karim), onde vi talvez à 1 hora de distância o estabelecimento do Padre Ratisbone com uma espécie de torre quadrada e grande número que pareceu-me compreender outros edificios, um jardim com ciprestes pertencente ao Convento dos franciscanos que fazia vista. Para um lado fica um estabelecimento russo.

Em S. João nasceu o Batista e foi a Virgem de Nazaré visitar sua prima Isabel.

Senti muito que o tempo não me permitisse fazer essa visita, mas eram precisas 5 horas pelo menos a Jerusalém e suas circunvizinhanças pouco tempo me deixava.

Chegou-se às 9 ½ a Abergosch do nome do célebre Cheik a que obedeciam cerca de 60 aldeias e cujo livramento por parte de Mehemer-Ali salvou Ibrahim-Pacha cercado em Jerusalém. É o antigo Kariathiarim onde em casa de Abinadab foi colocada a arca depois de entregue pelos filisteus. Aí estive 20 anos antes de Davi levá-la para Jerusalém cerca de 1033 A.J.C.

Aí se almoçou e depois vi as ruínas de uma igreja de 3 absides do tempo das Cruzadas. A cripta tem por baixo uma nascente cuja água corre por entre pedras que parecem de edificio que precedeu o templo e não era da época dos Cruzados.

Fui ver a fonte por onde corre a água de que falei e é já abundante e muito boa de beber. Quem me abriu a porta da igreja arruinada foi um filho de Abergosh não muito bem encarado. O pai era o terror desta região.

O caminho segue pelo Uadi-el-Ali que tem verdura depois de em 5 minutos de Abergosh alcançar-se uma altura de onde se principiam os cômoros da costa e o Mediterrâneo. O caminho é muito freqüentado e encontrei inumeráveis camelos de carga alguns dos quais conduziam para Jerusalém imensos caixotes contendo as peças do órgão para a igreja do convento do Salvador pertencente aos franciscanos.

Depois de Bal-El Uadi (porta do vale) onde há uma casa de sobrado com o título de Maison de rafraichissements e de Restaurant des Modernes Judes o terreno tornou-se de outeiros pouco elevados indicando o fim das muralhas da Judéia e princípio da planície de Saron, onde entraremos amanhã.

Cheguei ao pouso (Bir-el-Khelseh - Poço doce) às 3 ½ tendo saído a 1 ½ do lugar do almoço. Sobre um outeiro próximo chamado Latrûn vêem-se as ruínas e a tradição coloca aí a morada do Egípcio Dimas denominado o Bom Ladrão.

O meu incômodo tem durado porém sem me desarranjar fora de propósito.

A tarde está belíssima.

Já tomei uma água gasosa e com o descanso da noite espero estar amanhã como dantes. Espero pelo aspecto do céu ter excelente embarque em Jafa que não demorarei depois de ter visto tudo que é pouco.

No lugar do almoço soprou uma aragem quase que fria, depois aqueceu o ar.

Antes de Abergosh descobre-se à esquerda sobre uma alta montanha Subah, que se tinha por Medina pátria dos macabeus antes do Padre Forner franciscano ter achado em 1866 a 2 léguas da E. da Lydda (Diospolis) um lugar chamado Medych de onde se vê muito bem o Mediterrâneo e onde Clermont Ganneau descobriu o túmulo das 7 pirâmides como era o dos macabeus.

6 de dezembro de 1876 — Cheguei aqui (Sefant) para almoçar às 10 ½.

Passei bem a noite, mas ainda não estou de todo bom.

Larguei o pouso às 6 ¾. Subi ao alto da colina para ver as ruínas de Latrûn que devia ser um castelo forte. Ibrahim Pacha destruiu-o por ser refúgio de ladrões. Passamos bem à vista de El-Kubab sobre um outeiro pedregoso. Reputa-se o antigo Kobe nos limites de Israel e dos filisteus. Ficou à direita. Para diante à esquerda, porém muito distante avistei umas colinas sobre que há como um edifício redondo Abulusch (antiga Iaser segundo Clermont Ganneau) que um dos Faraós deu em dote à filha quando se casou com Salomão.

Pouco depois do pouso entramos na risonha planície de Saron vastíssima e muito bem cultivada. Cheguei a Ramleh cerca das 9. Visitei a antiga igreja de S. João hoje mesquita principal com tres absides e naves de arcos porém mal acabada, a capela no lugar da casa de Nicodemo que morava perto de José de Arimatéia (hoje Ramleh); acha-se no interior do Convento dos franciscanos e a escola muitíssimo modesta e onde havia apenas 8 meninos que pertence ao convento; enfim subi a torre chamada dos 40 mártires que está visivelmente dentro de um grande Khan arruinado. A torre quadrada tem aspecto e ornamentação elegante. 110 degraus conduzem a uma parte da torre que está descoberta parece que por arruinada e de onde se goza lindíssima vista. Daí para cima ainda contei 11 degraus numa parte arruinada e que não valia a pena subir. Por cima do vão da escada e apenas presa por uma extremidade ao muro do lado direito descansando a outra sobre um ressalto do muro oposto vi uma pedra de belo mármore algum tanto azulado bem lavrada como tendo servido de cornija ou entablamento a edificio diferente da torre. Perto dela e na mesma posição há outra pedra sem ser de mármore nem lavrada. Saindo de Ramleh desviei-me um pouco para ver o que chamam Tanques (Vasques) de Sta. Helena que são uma cisterna de abóbada sustentada por pilares. Nada tem de notável.

Desde antes de Ramleh me viera aborrecendo um velho estúpido de bombachas e turbante chamado Damiani, agente consular de França que queria fazer as honras da vila e disse que eu devia ver as Vasques de St. Hélène. Até me obriga seguir caminho mais longo só falando de buracos que não víamos. Fr. Liévin conhece de há muito Damiani, mas não quis fazer valer seu conhecimento da Terra Santa palmo a palmo. Se não fosse ele não teria eu visto nem metade do que tenho podido ver e muito bem com suas explicações. Há de fazer falta aos peregrinos e o superior apesar das insistências dele ainda lhe não deu ajudante para se ir preparando a substituí-lo quando for necessário. Tenho notado falta de inteligência, ao menos, na maior parte destes frades. Poderiam ter feito muito mais assim como as potências cristãs ajudando-os com maior empenho.

Já almocei e há pouco andou por dentro desta tenda da comida um pequeníssimo beija-flor, é o terceiro que se tem visto desde a saída de Beirute. Que linda planície se desenrola defronte de mim! Como este verde consola! Ramleh está rodeada de bastante árvores e de abundantes cardos. É um dos lugares bonitos que tenho encontrado na Palestina.

7 ½. Escrevo já andando para Port-Said tendo largado de Jafa às 5 ¾. Saí do lugar de almoço ao meio-dia ½ hora.

A planície continuou muito linda e meia hora depois já avistara à esquerda em pouca distância cômodos de areia do mar que Fr. Liévin não via há 18 anos. Se não tratarem de detê-los por meio de plantações de árvores há de esterelizar por

fim a planície. Esquecia-me dizer que Lydda antiga Diospolis fica para a direita e a $\frac{3}{4}$ de hora de Ramleh e que neste lugar aboletou-se Bonaparte em duas celas comunicando por dentro do Convento dos franciscanos e o estado-maior na igreja.

Prosseguindo atravessei por onde acampou o exército de Bonaparte e pouco depois por entre oliveiras as únicas alinhadas da Palestina e plantadas por ordem de Colbert que aí fundou uma espécie de escola agrícola — foi tudo isto referido por Fr. Liévin.

Enfim cheguei aos arrabaldes de Jafa todos plantados, sobretudo de laranjeiras carregadas de frutos e muito virentes e tendo passado por defronte da chácara do agente consular francês Mr. Philibert cuja família em terraços ao lado do portão festejou Fr. Liévin, que me disse serem pessoas muito estimáveis, entrei por uma porta na cidade em anfiteatro bastante elevado. Fui logo à capela que se acha no lugar da casa de Simão canoero [?] onde habitava S. Pedro e junto à qual há um pátio de cujo parapeito vi o mar que estava muito calmo felizmente.

Daí segui a visitar a casa muito modesta das Irmãs de S. José com escola para 160 meninas e dispensatório de remédios e por fim o convento dos franciscanos com escola de meninos. Aí vi a parte abobedada que repartem agora em quartos onde estiveram os pesteados do exército de Bonaparte. Lembrei-me da dedicação de Desgenettes inoculando-se com o vírus para animar o exército e da integridade de Larrey se é verdade que respondera a Bonaparte: vim para curar e não para matar.

O exército de Bonaparte desembarcou numa praia perto do convento e para o norte da passagem para onde saem os barcos.

A imperatriz já chegou ao embarque, pois eu adiantei-me afim de não retardar o embarque com as minhas visitas e metemos no escaler do Aquila Imperial cujo comandante e o oficial já havia encontrado a entrada na cidade. O mar estava calmo, porém assim mesmo foi preciso cuidado ao passar por entre pedras onde roçam quase os barcos e escaleres. Os filhos do agente consular francês disseram que havia notícias de guerra, mas os diários mais recentes que obtive não dizem isso.

Não larguei mais cedo por causa das bagagens. Fr. Liévin veio a bordo e deixou-me muitas saudades. Se a Isabel vier à Palestina há de ser o seu guia ao menos por minha recomendação, com o que ficou satisfeitíssimo e bom e inteligente Fr. Liévin.

Quando o vapor seguiu pela primeira vez ouvi um assobio de um barco que vinha para ele e voltou. O vapor parou e assobiou, mas o barco parece que nada tinha de importante a comunicar, porquanto não se vira voltar apesar dos assobios repetidos do vapor.

Há em Jafa um farol, cuja luz intermitente pareceu-me a principio luz elétrica.

O vapor não joga e espero que chegaremos sem o menor incômodo a Port-Said antes do meio-dia de amanhã.

Foi na planície de Saron — mas para o lado dos limites entre Israel e a terra dos filisteus que para queimar-lhes as searas Sansão soltou as raposas tendo fachos acesos nas caudas.